

MEU IRMÃO AULO MARCUS DE MEIRELES e EU

PRÓLOGO

No próximo dia 17 de junho de 2019, estarão decorridos 8 anos do falecimento do meu irmão Aulo Marcus de Meireles. Não sou de lamentar mortes, muito menos aquelas já esperadas de certa forma. Mas, isso não significa que, em geral, não me importasse com os falecidos, quaisquer que fossem e, como os seus familiares e amigos mais chegados, não sinta as suas faltas.

O fato de eu não lamentar ou sofrer com as mortes está ligada à minha concepção e convicção espírita da vida, de que todos nós temos o nosso momento, consequência de um planejamento prévio antes do nascimento, sob orientação dos nossos mentores espirituais. Nem antes e nem depois. Não é questão de destino ou fatalidade.

A morte não deve se constituir uma surpresa para nós. Deve ser considerada e encarada em todos os momentos da nossa vida em que estejamos bem acordados e lúcidos. Ninguém estará imune a ela. Como já escreveu Rubem Alves, *"a partida faz tanto parte da vida assim como a chegada"*. Mas, o momento do "fechar os olhos" para uma existência sempre será impactante e como uma surpresa para a grande maioria de nós que não gosta de considerar esse assunto, ainda que um paciente seja terminal. Talvez isso seja mais uma demonstração de afeto, melhor que um sentimento de remorso por acreditar que podia ter se dedicado mais àquele que está partindo.

Como esse tempo é determinado e por quem, isso não conseguimos saber. Apenas temos notícias a esse respeito através de comunicações mediúnicas de espíritos, que somente serão levadas em conta por aqueles que nisso acreditam. No mais, é muito comum se alegar que foi a vontade de Deus como afirma a maioria das religiões cristãs. Eu, particularmente, não acredito nisto dessa forma. Ainda continuo com a visão espírita de que "a missão do indivíduo foi cumprida" e o falecido não tinha mais o que batalhar nessa existência. É claro que para os familiares, amigos e pessoas mais próximas, *"ele poderia estar fazendo um pouco mais pelos que ficaram"*, mesmo que esse "fazer" se consubstanciasse apenas na sua presença física, quase ou totalmente inerte, entre nós. Sempre se achará que "ele" ou "ela" poderia ter ficado um pouco mais.

Certa vez, em uma entrevista com apresentação pública de tratamentos mediúnicos, um dos últimos *médiuns*, de que me lembro, que trabalharam com o espírito do Dr. Fritz, o Rubens Faria, engenheiro eletrônico, fez a seguinte afirmação: *"não importa quantos anos se viva, mas sim o como os vivemos"*.

Fato é que há crianças que já nascem mortas, outras vivem horas ou meses, um ano, cinquenta anos, cem anos ou mais, mas ninguém viverá para sempre. Alguns, viverão todos os anos de sua vida com disposição e saúde, nos vários ciclos; enquanto outros, com alguns ou muitos problemas de saúde, se arrastando como podem e se valendo dos recursos que a medicina humana possa oferecer, circunscritos aos recursos financeiros que os indivíduos necessitados disponham e as contas que possam pagar. Mas ninguém viverá para sempre. O quando e o como será a partida, não se consegue prever.

Mas voltando ao meu irmão, mesmo que eu tenha me mudado para vários lugares e ele permanecido a maior parte da sua vida em Belo Horizonte, sempre estivemos em contato frequente, presencial ou telefônico.

GUIDOVAL

A nossa infância na cidade de Guidoal, até 1949 Sapé de Ubá, foi bastante saudável e muito rica em aventuras que uma criança possa viver. Nossa liberdade de ação sozinhos nas aventuras de rua começaram por certo depois que atingimos a idade de seis a sete anos, ou seja, lá pelos anos 1946/47. Em 1948 nascia a nossa irmã Luiza Amélia. Ainda morávamos num sobrado na esquina da Rua do Campo (Padre Baião) com a Rua do Fundão (Sete de Setembro). Esse sobrado era dividido em duas moradias tendo uma porta ao meio que se abria em certas épocas. Na outra metade moravam os proprietários, dois idosos, o Seu Juca Damato e a D. Rosa, aos quais nós três chamávamos de vovô e vovó. Geralmente a porta do meio se abria em dias de tempestade, quando o nosso pai havia saído para atender algum doente na roça, montando o seu cavalo "Carinhoso". Já passando das dez horas da noite e ele não chegava, a chuva continuava forte, raios caindo, muito comum naquela época, e as duas famílias apavoradas. A tia Jacira, irmã da nossa mãe morava conosco. Não havia o que fazer senão orações, queimando os ramos secos benzidos no último Domingo de Ramos e pedindo a São Jerônimo e Santa Bárbara que o protegesse. Algum tempo depois, já quase meia noite, o nosso pai chegava são e salvo, coberto por sua

capa de boiadeiro toda encharcada. Aí, mais uma vez, agradeciam aos santos a proteção e nossa mãe lhe preparava algo quente depois de lhe servir uma boa dose de vermute, quase sempre um Madeira R português.

Salvo engano, no ano de 1949 o nosso pai comprou um carro, um Ford 1929, e tinha um motorista chamado Benevides, mais conhecido pelo apelido de Belé. A nossa irmã, já com quase dois anos, gostava muito de andar nesse carro que ela chamava de “cocoi” e, sempre que o Belé chegava ela gritava feliz: “Belelé, Belelé, Belelé!!!

Nosso pai era médico local, juntamente com o Dr. José Lincoln que se mudou posteriormente para Belo Horizonte por volta de 1951. Isso lhe propiciava de certa maneira alguma projeção naquela sociedade. Contudo, nós tivemos uma infância como qualquer outra criança local, vivendo as aventuras de liberdade e participação em todas as atividades e travessuras comuns à infância da época. A nossa irmã ainda muito nova e sendo menina, não participava dessas aventuras reservadas aos meninos. Mas, sendo uma pessoa muito simples nosso pai não cultuava o status concernente à sua profissão. Nos permitia, com isso, uma vida de pessoas comuns, já que, dentro dos princípios cristãos, cada um de nós tem apenas funções diferenciadas. E, além de tudo, nosso pai, dentro de uma classificação econômico-financeira local, ocupava uma posição de classe média baixa em relação a outras pessoas que, com apenas o curso primário, dispunham de maior poder aquisitivo.

Frequentamos e concluímos o curso primário em escola pública, no então Grupo Escolar Mariana de Paiva. Saíamos cedo para as aulas que tinham início às 07:00 e terminava às 11:00 horas.

Ao chegarmos em casa, quase logo em seguida tínhamos o almoço e depois as obrigações domésticas que nos impunha a nossa mãe. Nessa época já estava morando conosco um afilhado do nosso pai, o José Horta Senra, que não gostava muito do primeiro sobrenome. A D. Eurides, que foi sua professora no Grupo, se dirigia a ele chamando-o de Zé das Hortas. Ele não tinha noção de que esse sobrenome, que lhe fora dado pelo nosso pai no momento do seu batismo, era uma homenagem e ao mesmo tempo uma prece ao virtuoso Monsenhor Horta. Como o José Senra nasceu prematuro, seu primeiro berço foi uma caixa de sapatos e o meu pai, como bom cristão, o batizou logo em seguida ao nascimento temendo que ele

não sobrevivesse e assim não morreria pagão. Sobrevivendo, depois foi batizado na igreja conforme o ritual católico.

Mas voltemos às nossas obrigações. Logo depois do almoço, com certeza já liberados dos uniformes escolares para não sujar e já usando roupas de trabalho (ainda não era crime ensinar os filhos a trabalharem), o José ia arrumar a cozinha, como se dizia, o Aulo ia varrer o quintal e cuidar das galinhas, enquanto eu, puxando uma carroça com um tambor de 120 litros, mais duas latas de banha de 20 litros cada, ia buscar água a uma distância de quase um quilômetro numa mina ou na casa da D. Conceição do Coronel Quincas Martins. Ao chegar em casa com a água, subia uma escada até o telhado da casa com uma lata de 20 litros na cabeça e derramava a água numa caixa de cimento de 500 litros de capacidade que se comunicava a outra de 100 litros (água quente para o chuveiro). Tantas viagens necessárias até o completo enchimento das caixas. Assim todos os dias, exceto aos domingos. Eu tinha então 12 anos nessa época.

Depois dessas tarefas iniciais, o Aulo e o Zé Senra iam serrar lenha com uma serra de 1,20 metro de comprimento (figura 1), cujos troncos eram colocados em uma forquilha de madeira, de onde saiam cortadas pequenas toras compatíveis com a profundidade do depósito de lenha sob o nosso fogão. Essas pequenas toras eram depois por mim rachadas com um machado e transformadas em lascas menores que caberiam na boca do fogão para serem queimadas (figura 2). Ainda não se usavam em Guidoal os fogões a gás.



Fig.: 1 A Serra utilizada nos nossos trabalhos infantis



Machado que era utilizado para rachar a lenha

Fig.:2 Machado



Fig.2a- lenha sob fogão

Tudo isso hoje seria uma temeridade que levaria os pais a um conselho tutelar. Deixar os filhos trabalharem, subir escadas com latas d'água na cabeça a mais de três metros de altura, deixar crianças empunharem uma serra grande ou um machado de ferro que pesava mais de um quilo.

Por isso crescemos fortes e soubemos fazer muitas coisas, enquanto os filhos de hoje, inclu

sive os nossos, receberam tudo nas mãos sem saberem fazer quase nada e das dificuldades consequentes, até que a vida os cobrasse de alguma coisa.

Da minha parte sempre tentei ensinar algo aos meus filhos, mas muito aquém do que aprendi. Os tempos foram outros.

Depois de executadas essas tarefas íamos fazer os deveres escolares, sem a ajuda dos pais. Não era hábito os pais acompanharem seus filhos nas suas tarefas escolares. Apenas cuidavam para que fossem feitas. "*Já fez os seus deveres da escola*"? Somente no final da tarde é que tínhamos liberdade para brincar e a maioria dos nossos brinquedos era feita por nós mesmos com latas de sardinha ou de marmelada colombo, carretéis de linha vazios que os alfaiates nos davam ou então bucha de cerca etc. Mas nos divertíamos muito e gastando muita energia, o que não nos faltava, correndo e fazendo todo tipo de travessuras. Não faltavam os carrinhos de rolimãs descendo ladeiras, cujo freio era o muro ou outro obstáculo mais próximo. Outras vezes descendo morros lamacentos depois de chuvas, montados em folhas de coqueiro e se lambuzando todo de lama, mas prontos para levar a corrigenda da mãe. Levávamos quedas incríveis, machucávamos, chorávamos um pouco, mas continuávamos. Também saíamos pela rua rolando arcos e, nos dias de chuvosos, depois da chuva, terra mole, íamos jogar espetos que fincávamos habilidosamente no chão fazendo desenhos e tentando fechar a linha que vinha riscando o oponente para ganhar o jogo. Muitas vezes o espeto se virava contra nós e íamos para casa chorando com ele espetado na nossa perna. Aí, além da bronca pelo descuido, vinha o castigo: "vou passar iodo; vai doer muito, mas vê se aprende da próxima vez". Tudo isso e mais disputar a valer os jogos com bolinhas de gude que chamávamos "birosacas".

Nessa especialidade havia um garoto quase invencível: o João Bosco, filho do Seu Álbero dentista, que quase sempre nos vencia a todos, recheando uma caixa de sapatos com bolinhas que ganhou de nós. Além disso, era um perito em lançar pedras com atiradeira (estilingue), acertando qualquer passarinho à vista, e sempre assobiando.

Aos sábados e domingos nós três ficávamos nas calçadas engraxando sapatos de pessoas que iam ou vinham da missa, como quaisquer outros garotos da cidade. Isso era coisa para os mais pobres, mas nem nós nem nosso pai se importava com isso. Com os trocados que ganhávamos pagávamos as entradas do cinema e comprávamos as revistas em quadrinhos da época, os "gibis". Na nossa própria casa o tio Mariozinho, que morava com nossos pais desde o casamento, tinha cerca de cinco pares de sapatos que eram engraxados quase toda semana e nos dava uns trocados de recompensa por isto. A maioria das revistas que comprávamos versava sobre temas como os dos filmes de faroeste, outras do Tarzan, do Capitão Marvel, Super-Homem, Fantasma, Marinheiro Popeye, Os Sobrinhos do Capitão e mais algumas.

Às vezes eu também fazia um refresco de casca de abacaxi fermentada, que na terra chamávamos de "gazoz" e em outros lugares era o "aluá", e saía pela rua vendendo esse refresco em copos. Isso me valeu um apelido que me pôs o Manoel Avidago, "Dr. Gazoz".

Nessa época em que frequentávamos o curso primário, os bailes de carnaval eram muito alegres e animados na cidade, tanto nas matinês como nos salões à noite. Algumas vezes meu irmão e eu queríamos participar das alegrias das matinês e nosso pai não nos permitia e tentava nos dar compensações, do ponto de vista dele, mas que do nosso não nos agradava. Numa dessas ocasiões, quando pedimos para participar, ele nos presenteou com um minúsculo livro denominado *Imitação de Cristo*. Não estávamos interessados em rezar. Queríamos nos divertir. Da minha parte nem abri esse livro na ocasião. Somente o fiz já depois dos vinte anos depois que, em uma palestra, ouvi uma mensagem sobre uma frase que inicia o capítulo VII do Livro Primeiro: "Insensato quem coloca suas esperanças nos homens ou nas criaturas". A partir daí consegui ler outras partes que achei muito interessantes.

De outra feita, na mesma data, ele nos convidou para nos ensinar o jogo de xadrez. Emburrado que estava, não me interessei e, assim, nunca aprendi. Mas o Aulo embarcou nessa e acabou aprendendo o xadrez.

Mas mesmo não nos permitindo ir aos bailes, que ele próprio frequentava à noite, comprava caixas de lança-perfume Rodouro e nos dava alguns tubos para brincarmos em casa. Assim, um de nós saía pela casa esguichando o líquido, que era inflamável, enquanto o outro acendia um fósforo e punha fogo no fim do esguicho fazendo um rastro de fogo pela casa a fora, que tinha o piso de madeira. E nunca incendiávamos a casa por isso. Hoje, além de proibida a venda desse produto, os pais ditos ajuizados não permitiriam esse brinquedo a seus filhos. Prefeririam deixá-los ir aos bailes.

Também, em certo ano, não me lembro se em 49 ou 50, o Seu Antônio Barbosa nos presenteou com um borzeguim, um calçado assemelhado a uma bota com salto um pouco alto, e deu também um ao seu filho Túlio, e assim o Aulo, eu e o Túlio ficávamos a amassar o barro nas ruas, felizes atolando as nossas botas.

O nosso pai ganhava muito pouco com a sua clínica e às vezes recebia como pagamento um frango, dúzias de ovos ou uma leitoa ou um cabrito para a ceia de Natal.

Em certa oportunidade salvei um cabrito da faca ao qual dei o nome de Raminho, nome este copiado de um dos cabritos de um carrinho assemelhado ao de bois que meus tios menores de Dores do Turvo, Aquiles e Délio, possuíam. Foi treinado e usado por mim para puxar a minha carroça. Aí me livreí do esforço de tração. Nesse tempo já tinha 14 anos. Quando tinha que buscar sabugo de milho para queimar no fogão de casa, ia o mais longe possível e me divertia com esse trabalho.

O Aulo, embora mais novo, sempre fôra capaz de desafiar os limites mais do que eu, inclusive a vigilância do nosso pai muito atento ao que fizéssemos de inconveniente, do seu ponto de vista, e pronto a aplicar a reprimenda consequente. Brigava na rua, tomava banho no Rio Xopotó, que nosso pai dizia infestado de caramujos da esquistossomose, desafiava até mesmo o Zé Alan, um garoto bem mais alto e mais forte do que nós. Mas, nunca ficaram inimigos e, pelo contrário, o futebol os unia cada vez mais.

Apesar das travessuras ele, como eu, frequentava a igreja católica, tendo como pároco na ocasião o Padre João Chrisóstomo Campos, muito enérgico com os cumprimentos religiosos, mas muito amigo e querido da criançada. Quase todas as tardes, próximo da casa paroquial, reunia a meninada em uma roda que girava ao seu comando gritando coisas assim: "passarinho voa? E nós, voa; periquito voa? Voa; cavalo voa? Aí, um gaiato desatento respondia "voa" e tinha que deixar a roda enquanto o padre morria de rir. Prosseguia assim até que restasse um ou uma de mãos dadas com ele.

O Aulo, juntamente comigo, o Manoel Avidago, o Alcebíades Cruz, o Simeão Cruz, José Miguel Schetini e talvez mais alguém de quem não me lembro, fomos coroinhas do Padre João, também chamados acólitos. Este nos ensinou a responder a liturgia da missa em latim. Ajudávamos na celebração das missas e outros cultos, sempre vestidos com uma batina vermelha de flanela espessa sobre a qual vestíamos outra bata branca chamada "sobrepeliz", que tinha uma barra de renda de bilro de uns trinta centímetros de altura, tecida pelas nossas mães e na cabeça um barrete vermelho, assemelhado ao do padre.

Com frequência havia disputas até mesmo acirradas entre os coroinhas antes de alguma missa, quando se decidia quem levaria uma das duas campainhas e as galhetas com a água e o vinho da celebração. Nessas ocasiões o padre intervia com energia e sufocava a rebelião. Ao final, tudo acabava bem. O vigário costumava nos dar algumas moedas de recompensa, o que nos deixava felizes.

Outra atividade que nos competia era a de bater os sinos das duas igrejas de então, a de Santana, a matriz, e a de São José, tempos depois transformada em dinheiro para a diocese, para chamar os fiéis para as missas e outras celebrações. Às vezes tínhamos que nos levantar por volta das quatro horas da manhã para bater os sinos para a chamada da missa das cinco. Fazíamos isso com a maior disposição e orgulho pela atividade de "badalista".

Não estou certo o ano, mas acho que foi em 1949, aconteceu uma grande missão religiosa na cidade. Por cerca de uma semana estavam na cidade muitos padres, alguns estrangeiros, celebrando várias missas ao dia e sermões à noite. Durante essa estadia as famílias locais se revezavam em fornecer alimentação para esses padres, que comiam como bispos, e estavam muito felizes com o

tratamento carinhoso recebido. Nós, crianças, estávamos empolgados com as apresentações, muito especialmente, porque eles tinham um pequeno projetor que mostrava cenas religiosas e fotos da Itália, do Vaticano, de Santos diversos, tudo relacionados com as suas pregações. Eu e o Aulo ficamos tão empolgados com tudo isso, que eu estava decidido a ser padre e o Aulo, ainda mais, queria ser bispo. Contudo, nosso pai, prudente como sempre, não nos desanimou, mas recomendou que seria melhor decidirmos isso depois de concluirmos o curso ginasial. Sábia orientação porque, no decorrer desse tempo acabamos por perceber que não tínhamos vocação para o celibato. Preferíamos as meninas.

A seguir, no ano de 1952, depois que terminamos o curso primário e preparados no cursinho de admissão da Professora D. Glorinha, com bastante dificuldade, apesar de ser o médico local, nosso pai nos manteve em um internato, o Gymnásio São José, em Ubá, onde cursamos a primeira série do curso ginasial. Nessa jornada também tivemos a companhia do conterrâneo e amigo Ronon Rodrigues, já nosso colega de estudo desde o início do curso primário em 1947.

Nesse mesmo ano foi então fundado o Ginásio Guido Marlière em Guidoal, pelo professor Ernani Rodrigues, que passou a funcionar partir do ano de 1953. Nessa oportunidade todos os adolescentes guidovalenses que estudavam em cidades vizinhas foram transferidos para o recém fundado ginásio. Vieram principalmente de Leopoldina, de Cataguazes, de Ubá e também alunos de outras localidades que iniciavam o curso. Desses que eu me lembro, o Laércio Cattete, Deoclécio Cattete, Candido Mendes e Manoel Avidago vieram do Colégio Leopoldinense. O Francisco Pinto de Aguiar (Chiquinho do Casinho), eu, meu irmão Aulo, o Ronon Rodrigues, o José Geraldo e João Batista Geraldo do citado Gimnásio de Ubá. As meninas, Neusa Maciel, Norma Januzzi, Glorinha Vieira e Marta Vieira, provavelmente do Sacré-Coeur de Marie de Ubá.

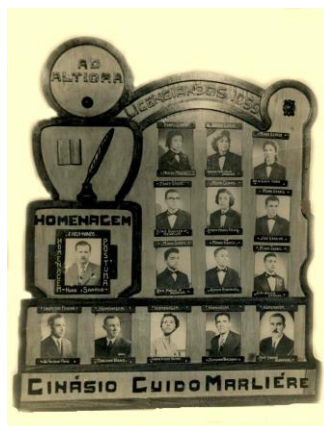
Nesse primeiro ano o Ginásio Guido Marlière contou com apenas as três primeiras séries, formando a sua primeira turma na quarta série no ano de 1954. Meu irmão, eu e o Ronon concluímos o ginasial em 1955, a única turma que teve um quadro de formatura (foto Fig.: 3).

Esse período de infância e adolescência numa cidade de interior, ainda longe de ser contaminada pela globalização, foi deveras interessante, propiciando-nos um crescimento saudável dentro dos

limites esperados para a época. Guidoal tinha então uma vida social que não mais existe hoje.



Turma de 1954



Turma de 1955

Figura 3

Tinha dois conjuntos musicais, músicos como o Seu Odilon Reis, o Sô Nilo, o Neto Baterista, o Landinho Estulano, o Adão Azevedo, Julinho da estatística etc. e cantores como o Bejica (José Occhi), o Jeová, que cantava com a voz do Vicente Celestino e o seu irmão, salvo engano Adão Reis, que cantava como o Augusto Calheiros, Beбето Ramos, entre outros, inclusive eu que também tocava acordeom, e o Zé do Gil que gostava e cantava as músicas do Orlando Silva, especialmente a "Amanhecendo", sempre pensando na sua então namorada Eliene, que mais tarde se casou com o Amarozinho Ramos.

Comemorávamos com muito amor e muita simplicidade o dia da padroeira a Senhora Sant'Ana. No Dia 25 de julho armava-se uma grande fogueira próxima à ponte sobre o Rio Xopotó, bem ao lado do sobrado e armazém do Seu Dionizio Maciel. Na entrada da noite, já escurecendo, lá pelas dezenove ou vinte horas, descia da escada da sua residência o Seu Dionísio de um lado e a sua filha Lilinha do outro, portando os dois um grande quadro com a estampa da padroeira, com um artifício em uma das laterais pelo qual seria afixado em um mastro de madeira de cerca de cinco metros de comprimento que seria plantado bem na esquina da Rua do Campo, Padre Baião, com um espaço livre entre essa rua, a Rua do Fundão, Sete de Setembro, a Rua do Estoque, hoje João Januzzi e a entrada da ponte.

Levantado o mastro sob aplausos dos expectadores presentes, muitos guidovalenses moradores de outras plagas que retornavam à cidade

nesta data, a Banda Belarmino Campos tocando lindos dobrados sob a regência do maestro Seu Tuti e muitos foguetes de vara e rojões, explodindo na noite.

Aí a garotada, mesmo vestida para a festa, entre outros o Aulo e eu, subíamos um morro no mato escuro para pegarmos as varas dos foguetes que subiam ao impulso da pólvora, explodiam no alto e caíam. Havia uma disputa de quem pegaria mais varas. Isso era uma festa à parte.

Nos anos de 1948 até, suponho, 1955, ainda morávamos no sobrado, recebíamos ali algumas pessoas, algumas moradoras de outras cidades, como o Deputado Euro Arantes, seus pais Seu Ignácio Arantes e D. Nicolina, filha do Coronel Quincas Martins, o Zé Mendonça, Romeu Mendonça e seus outros irmãos Mauro, Rosita, Rosalina e Vênus, o Ben Hur e sua irmã Ruth com seu marido o Seu Nilson Cremonese, filhos e genro da D. Jovita do Chico do Padre e muitos outros. A casa ficava muito cheia e as visitas assistiam às solenidades das janelas do sobrado. Tudo isso saboreando os quitutes salgados que a nossa mãe Ida preparava e, sem dúvida, não faltando cachaça, cerveja e refrigerantes abacatinho e mineirinho.

De 1956 em diante a reunião passou a ser na casa do tio Mariozinho na Praça Santo Antônio, 89, contando sempre com a maioria dos visitantes anteriores e, sem se esquecer do Pedrinho Vieira que geralmente só saía de lá no pileque e muito divertido.

Nessa época, terminados os festejos da praça, a fogueira continuava queimando até o amanhecer, com muitas pessoas aproveitando as brasas para assar batata doce, enquanto outros como o Seu Nilo, Seu Odilon Reis, o Zé Mendonça, com violões, cavaquinho, banjo e eu no acordeom, e também os cantores, saíamos pelas ruas, de madrugada em serenata que às vezes se prolongava até a Serra da Onça, que no ano de 1962 fizemos uma serenata para a minha prima Zélia na casa da sua avó D. Julia.

Também tivemos festas juninas muito concorridas, na época chamadas de Festa da Chita, com "casamento na roça" e Quadrilha bem-marcada pelo Seu João Vitória, que terminavam no Grupo Escolar Mariana de Paiva à noite, depois de um longo trajeto pela cidade. Os noivos (sempre Renato Ramos e Nice Baião) eram conduzidos em um Carro de Bois comandado pelo Carreiro Mundico e o Baú da noiva sempre levado pelo meu tio o Mariozinho Marotta.

Muitos outros participantes, lindas moças das quais não me esqueço da Professora D. Emi Coelho que encantava todos os seus alunos com sua beleza e delicadeza. Bons carnavais e festas religiosas.

Tinha o cinema do Severino Occhi, em tempos depois do cinema mudo do Seu João Januzzi que funcionava em espaço da sua marcenaria à noite depois dos trabalhos do dia. A tia Gildinha me contou que a Xerem, irmã da D. Cidoca esposa do Chico Januzzi, ficava na porta vendendo balas e outras guloseimas antes das apre-



Cinema do Severino Occhi

sentações. Guidoal já teve até teatro com espetáculos frequentes no Atheneu, do lado da Igreja Matriz, com atores como o Seu Cesar Urgal, D. Carmem Cattete, D. Ivone Vieira, D. Emi Coelho e até a Tia Gildinha chegou a participar de alguns espetáculos onde era uma das dançarinas havaianas, entre outros.

Comemorava-se tudo considerado importante na cidade, inclusive o sucesso das pessoas que, de alguma forma se destacavam. Contou-me também a Tia Gildinha que depois da suas refeições de grau como professoras em Ubá, a D. Glorinha, que se casou com o Seu Olivier Reis e a sua irmã D. Odete, que se casou com o meu padrinho Paulo Vieira, foram recebidas em Guidoal, do outro lado da ponte com Banda de Música, fogos de artifício e acompanhadas festivamente até o centro da cidade, homenageando o seu sucesso alcançado.

Vivíamos o nosso mundo local aguardando, sem ansiedade, a nossa partida para outras localidades afim de prosseguirmos os nossos estudos, quando fosse o momento. Nessa época o mundo realmente girava mais lento.

UBÁ

De Guidoal novamente para Ubá, iniciamos o curso científico no Colégio Estadual Raul Soares (1956), nessa época dirigido pelo Professor Dr. Agenor Barbosa (dentista). Nesse colégio tivemos professores de tamanha dedicação que acreditamos que os seus salários, conquanto necessários às suas sobrevivências, eram como complemento das suas satisfações pelo exercício das suas tarefas de magistério. Com certeza não me lembro de todos, mas de alguns. Por quê, não tenho explicações. Entre eles, me lembro do Professor

Francisco De Filipo (português), o Professor Manoel Artidoro, desenho e matemática. Este já fôra nosso professor no Gymnásio São José onde também dava aulas de trabalhos manuais e aprendíamos a lidar com madeira, papéis e argila. O Professor José Campomise Filho, advogado, (história Geral e do Brasil), suas aulas eram demonstrações teatrais. O Professor Tanus (advogado) lecionava espanhol. O Professor Honorico Carneiro (química), o Professor Dr. Adjalme Carneiro (médico), professor de Física. Suas aulas eram muito divertidas. Era o pai do meu colega de então e depois de Veterinária, o Professor Dr. Luiz Emetério Dutra Martins Carneiro, organizador e primeiro Diretor da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Viçosa. Ainda o Professor Guimarães lecionando Geografia. Este, juntamente com sua esposa, preparou um grupo de alunos do colégio, entre eles eu e o Aulo, para uma dança, "A Dança do Lenhador", que uns diziam de origem tirolesa outros de origem austríaca, que apresentaríamos em uma solenidade na então Escola de Agronomia de Viçosa.

Lembro-me da fisionomia e das aulas de dois outros professores, como os demais, muito bons. O de inglês, Seu Ulisses, que trabalhava na administração da Estação Ferroviária da Leopoldina e era o pai da Rose, que se casou com o conterrâneo Cid Augusto Vieira. O outro, salvo engano, lecionou física no segundo ano científico e era de Guiricema, cidade próxima de Ubá. Não me lembro do seu nome, mas no dia de suas aulas chegava ao colégio pilotando o seu Ford 29. Era fluente no idioma francês, já que trabalhara um bom tempo na Embaixada da França no Rio de Janeiro. Mas falando em Guiricema, tínhamos nesse colégio um colega a que chamávamos de "Guiri", também não me recordo o seu nome. Mas teve uma importância na minha vida futura. Pela primeira vez eu ouvi falar de veterinária. Ele era mais velho que a maioria do grupo e me contara que em 1956 morava em Belo Horizonte e trabalhava como auxiliar numa clínica veterinária de pequenos animais. Falou-me como era a clínica e sobre o seu trabalho. Assim vislumbrei, com certa atenção, a possibilidade de me dedicar a essa profissão. A partir daí passei a prestar atenção num veterinário do Ministério da Agricultura radicado em Ubá, o Dr. Mateus, também poeta, pai de três dos nossos colegas do Colégio. As gêmeas Eloisa e Elena e o irmão mais novo o Paulo. Mudaram-se para Juiz de Fora e nunca mais tive notícias deles. Chamavam a minha atenção ainda por serem espíritas kardecistas muito convictos e praticantes, quando eu ainda tinha certo receio em

relação a essa crença função da convivência e pregação do Padre João Chrisóstomo.

Nesse tempo em Ubá participávamos de muitas festas. Era frequente sairmos bem vestidos em fins de semana, a pé ou de bicicleta e pararmos próximos a um portão ou janela de uma casa onde estava sendo realizada alguma festinha de aniversário. Parados na porta alguém da casa nos perguntava: “porque vocês ainda não entraram”? E assim íamos ajudar a comemorar aniversário de quem nem conhecíamos até então. Também frequentávamos os suntuosos bailes do Ubá Tênis Clube, onde se apresentaram pianistas como o Waldir Calmon, o Bené Nunes e orquestras famosas como a de Severino Araújo, inclusive a Cassino de Sevilha que então excursionava pelo Brasil. Nesses bailes muitas vezes tinha como par a D. Eneida, na época, linda morena e bem solteira. Mais tarde se casou com um grande conterrâneo e amigo o Zim do Sô Nego.

Adolescentes e jovens, nos seus quinze ou dezessete anos, como, o João Leonardo e o Elpídio Soares, filho do dono da Pensão Soares, entre outros, às vezes no início da noite iam a uma pequena subida da linha de ferro da Leopoldina, na saída para Visconde do Rio Branco e passavam bastante sabão sobre os trilhos. Algum tempo depois vinha bufando e soltando faíscas a locomotiva a vapor do misto da Leopoldina com destino à cidade de Ponte Nova. Ao passar pelos trilhos ensaboados as rodas deslizavam e a máquina: “pu, pu, pu... pu, pu, pu...”, várias vezes, e demorava a avançar até que o maquinista liberava areia de um depósito da parte superior que caía lentamente sobre os trilhos dando aderência para o trem prosseguir. Os infratores ficavam escondidos e às gargalhadas pela travessura, que não tinha maiores consequências além disso.

Estivemos nesse colégio em Ubá até o final de 1957 quando, no ano seguinte, tive que me mudar para Juiz de Fora para prestar o Serviço Militar, depois de selecionado pela Junta Militar em setembro desse ano. Meu irmão Aulo me acompanhou, mas o Ronon continuou em Ubá, onde já moravam seus pais, até o final de 1958.

Nesses dois anos em Ubá eu e o Aulo também estudamos música com a Professora D. Chiquinha Dias Paes. Eu no Violino e acordeom e o Aulo no Acordeom. Contudo, não nos tornamos músicos como outros alunos dessa professora, como o Célio Balona que criou um conjunto musical em Belo Horizonte, que levava o seu nome e animava festas e eventos na capital mineira, e o Marun Alexander,

que se tornou um grande maestro, chegando a reger a Orquestra do Palácio das Artes, Fundação Clovis Salgado em Belo Horizonte. Eu, no máximo, prossegui tocando acordeom “de ouvido”, como se dizia, e o violino, pela última vez, em setembro de 1958. Nessa data, já prestando o Serviço Militar em Juiz de Fora, retornei a Ubá a convite da D. Chiquinha para executar, como segundo violino, o Aleluia de Händel, juntamente com o Seu Odilon Reis, primeiro violino e ela ao Órgão, na celebração do casamento do Deputado Euro Arantes (do Binômio), na Igreja de São Januário.

JUIZ DE FORA

No nosso novo destino, Juiz de Fora, estudamos o terceiro ano científico no Colégio Cristo Redentor, também chamado Academia de Comércio, instituição dirigida por padres da Sociedade do Verbo Divino - SVD, em sua maioria de origem alemã.

Eu cumpria o serviço militar nesse ano de 1958 e meu irmão fora dispensado no ano seguinte.

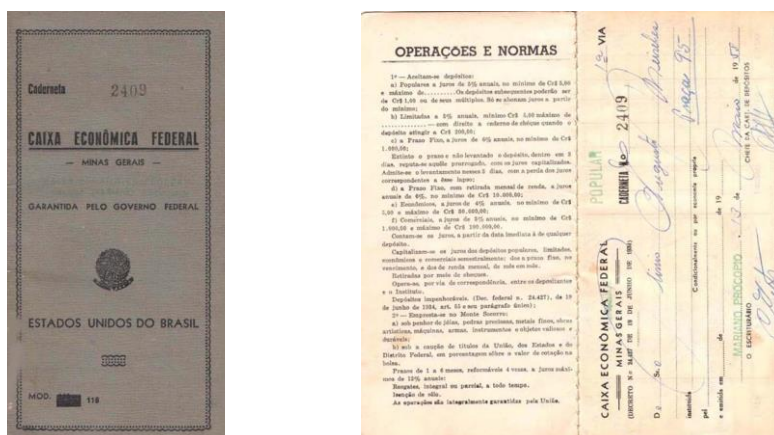
Inicialmente estava engajado no 10º Regimento de Infantaria, com sede no Bairro Fábrica, à Rua General Gomes Carneiro, s/n.

As tarefas diárias do quartel eram bastante intensas e pouco tempo me sobrava para me dedicar aos estudos no terceiro ano científico. Mas, tendo notícia de que havia uma instalação do exército na cidade próxima de Benfica, um Contigente junto à Fábrica de Juiz de fora que produzia as munições destinadas aos vários quartéis do país, onde os exercícios militares eram menos intensos, desejei e consegui minha transferência para lá. Contudo, continuávamos a morar na cidade de Juiz de Fora à Rua Belo Horizonte Nº 100, numa pensão para estudantes, em sua maioria.

Nesse tempo o Aulo somente se dedicava aos estudos e meu pai conseguia, com certo sacrifício, nos manter nessa hospedagem e pagar o nosso colégio, que não era nada barato. Da minha parte eu já recebia um “soldo”, assim chamado o salário de militares, no valor de então Cr\$ 95,00 (noventa e cinco cruzeiros) por mês através da Caixa Econômica Federal, foto abaixo.

A permanência em Juiz de Fora foi muito boa para nós em todos os sentidos. Aprendemos a viver sozinhos longe da vigilância e controle

paterno, a controlar a nossa parca mesada e vivenciar todo tipo de aventura que a cidade nos oferecia e os nossos recursos permitiam.



Ainda existiam os “bondes elétricos” circulando do centro para bairros da cidade a custos bastante favoráveis, mas andávamos muito a pé, principalmente quando íamos para as aulas no Colégio todas as noites, ida e volta. Para isto percorríamos em toda a sua extensão a Rua Halfeld em cerca de dois quilômetros, ou mais, com direito a subida íngreme em pelo menos um terço dessa distância. Mas, energia e disposição era o que não nos faltava aos dezessete e dezoito ano de idade.

Na pensão onde morávamos a maioria dos hóspedes era estudante. Na parte da tarde alguns saiam do quarto em direção a um amplo banheiro com dois chuveiros instalados, todos nus, calçando barulhentos tamancos de madeira sobre o piso de tábuas, toalha no ombro e saboneteira na mão. Nesses momentos, caso a arrumadeira de quartos se arriscasse em uma subida ao segundo piso, retornava horrorizada descendo a escada a galope.

Nesse ano, por duas vezes estive hospedado nessa pensão um antigo colega do Colégio Raul Soares, já agora professor de matemática, que ia a Juiz de Fora para fazer cursos complementares de aperfeiçoamento. Nunca soube o seu nome completo. Nós o chamávamos Toninho Preguiça, apelido desde Ubá, em função da sua aparência sempre com a cara de sono. Quando o mirávamos, parecia ter acordado naquela hora e nem lavado o rosto.

O Toninho tinha cravos nas solas dos dois pés e, quando pisava, apoiava primeiro os calcanhares. Em suas visitas e hospedagem na pensão, sempre alguém lhe aprontava uma.

Numa pensão de estudantes com seus parentes em cidades do interior do Estado, nossas mães sempre nos mandavam guloseimas e frutas em caixas. Sabendo que o Toninho chegava bem tarde do seu curso, e se hospedava no segundo piso do sobrado, alguém punha uma caixa com frutas passadas e outras coisas no último degrau da escada que se iniciava em frente a porta do quarto da dona da pensão, a D. Sinhá. Era uma escada bem construída e bonita, com alambrado, toda de madeira.

Ao chegar na pensão, já com a sala e a escada no escuro, o Toninho subia lentamente apoiando-se pelos calcanhares e no último degrau pisava na caixa deixando escorrer todo o conteúdo escada abaixo que batia forte na porta do quarto da D. Sinhá, com mais o barulho do seu tombo. Aí, a D. Sinhá abria a porta toda brava e xingando a mãe de todos, mas sabendo que o Toninho não tinha culpa. Mas a turma se divertia mesmo assim.

Outra história era a de um enfermeiro que também morava ali e recebia de seus parentes lindas laranjas que, durante a sua ausência para o trabalho eram roubadas. E ele dizia sorridente: “ainda vou pegar esse ladrão”, e deu tempo suficiente para que essas ações continuassem. Um belo dia, tendo recebido lindas laranjas, pegou a maior e mais bonita e, utilizando os seus conhecimentos científicos, injetou nela tártaro emético. Como esperado, essa foi a primeira roubada.

No dia seguinte o culpado apareceu todo detonado. Com fartos vômitos e diarreia. Aí ele sorriu e disse: “não falei que uma hora eu pegaria o Ladrão”? E muitas outras histórias aconteceram.

Sempre achávamos uma festa para participar nos fins de semana, às vezes em um clube, até mesmo no badalado Clube Bom Pastor, situado no Bairro do mesmo nome, cujos ingressos eram bastante caros.

Mas, para os da nossa idade de então, sempre havia um solução razoável, do nosso ponto de vista, embora pudesse ser considerada com reticência por outros ou de forma um tanto duvidosa.

Mas, como uma “saída nobre” para entrarmos nesse Clube, juntamente com alguns colegas de pensão, saíamos todos paramentados de terno, gravata e até de colete, caminhando a pé subindo a Rua Halfeld até a Avenida Rio Branco. Aí tomávamos um bonde até a entrada do Bairro Bom Pastor, pegávamos um “carro de praça”, cinco ou seis espremidos, e descíamos solenemente na porta do clube como gente fina, onde um porteiro gentilmente nos abria a porta do carro. Descíamos, circulávamos um pouco, geralmente fumando um cigarro e, na distração do vigilante, saltávamos o muro, que não era muito alto, e estávamos de fato na festa. Com toda certeza, hoje não achamos graça nessas atitudes, mas na época realmente éramos inconsequentes.

Nessa época do serviço militar, além de o corte de cabelo dos soldados terem característica própria, estilo chamado “Príncipe Danilo”, para eu deixar a farda militar e usar traje civil, denominado “à paisana”, nos fins de semana ou em algum evento, deveria estar portando uma autorização emitida por autoridade do quartel e reconhecida pela PE- Polícia do Exército, quando abordado. Caso contrário éramos detidos, metidos na trazeira de um camburão e levados à unidade em que servíamos, onde certamente dormiríamos por uma semana no xadrez.

Nesse tempo eu tinha uma namorada chamada Elaine, natural de Piraúba-MG, que estudava no Colégio Santa Marcelina, cujo irmão Alaor morava na mesma pensão que eu e não lhe agradava o nosso namoro. Assim, quando decidia usar roupa civil num fim sem portar a devida autorização, ficávamos um tanto à deriva eu, sempre atento para escapar da visão da PE e ela da visão do irmão. Também nessa pensão tivemos a companhia de outro piraubense, o Crispiniano, que prestava o serviço militar, servindo na CR/JF. Era muito amigo do Aulo em saídas à noite para festas. Sempre que saía “à paisana” trajava ternos muito elegantes.

O Aulo, como não tinha outras obrigações além das do colégio, aproveitava mais todas as atrações que a cidade oferecia, dentro dos limites dos recursos financeiros e se dedicava a namoricos diversos. Já na metade do ano chegou a namorar e frequentar a casa de uma garota chamada Maria Goretti, filha do dono da maior empresa de transportes coletivos da cidade naquele momento. Com certeza, depois que nos mudamos para Belo Horizonte, tudo teve seu fim.

Eu, todas as manhãs, às 05:30 horas, tomava o trem Changai na estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, não muito distante da nossa pensão, com destino ao Contingente Militar da Fábrica de Juiz de Fora em Benfica, somente retornando ao final da tarde para o jantar na pensão, de carona ou de ônibus, e ida para o colégio. Costumava dormir muito nas aulas em virtude dos trabalhos pesados a que éramos submetidos no quartel.

Em certo dia em que dormia numa aula de física, o professor, um padre alemão, se aproxima de mim com um pequeno aparelho e grita: “zoldado, *como se chama isto*”? Eu assustado com o despertar inusitado, fiquei boquiaberto sem nada dizer. Em seguida ele falou: “zerrô, zerrô *parra senhor*”. O aparelho era um caleidoscópio.

Na unidade em que eu servia era o soldado com maior graduação escolar. Apesar de destacado para servir na Formação Sanitária, diretamente no consultório médico, onde também se localizava o serviço, odontológico, farmácia e enfermaria, frequentemente era movido para outras funções como auxiliar do dentista, na enfermaria e também em outros serviços braçais na unidade, tal como cavar cascalho em rocha com picaretas e jogá-lo em caminhões com pás, juntamente com outros praças do Contingente. A cada batida com a picareta até saia faísca na pedra.

Às vezes, nos plantões de guarda aos domingos, tinha que varrer folhas caídas no calçamento de amplas avenidas, ajuntá-las e depois colocá-las com uma pá em uma grande carroça de quatro rodas, tracionada por duas juntas de burros queixo duro, assemelhadas àquelas dos filmes de faroeste. Depois de vários montes ajuntados, às vezes batia um vento mais forte espalhando as folhas, e tudo recomeçava. Enquanto trabalhava, lá pelas oito ou nove horas da manhã, via passando pela estrada contigua muitas famílias, todas bem aprontadas a caminho da igreja para assistirem à missa do domingo em Benfica.

Tudo assim foi caminhando até que no mês de outubro foi encontrada num cofre de esmolas da Igreja de São José, em Belo Horizonte, uma cédula de dois cruzeiros, amarelinha, onde estava escrita uma ameaça: “*no dia dois de novembro próximo os paióis da FEA vão explodir*”. Meses antes já haviam explodido criminosamente paióis de munição do exército em Deodoro, no Rio de Janeiro, e isso deixou o Contingente em alerta total e também outras unidades militares próximas.



Assim tive que permanecer no quartel, sem frequentar aulas até quase o final de novembro, quando o clima se arrefeceu. Nesse período tirava as guardas munido de Fuzil carregado, com baioneta calada e uma pistola Colt 45 em coldre na cintura. Eu então com dezenove anos todo armado, lavagem cerebral garantindo que agora a minha mãe era a pátria, e disposto a qualquer sacrifício para defendê-la, me sentia um super-herói. No final, tudo acabou bem e sem dispararmos um só tiro.

Com as tarefas pertinentes ao quartel aumentadas

e, já no final do ano letivo, depois daquela ameaça terrorista à unidade em que servia fiquei ainda mais prejudicado com o tempo para estudar e fui obrigado a abandonar o curso como desistente antes da realização das provas finais. Não teria a menor condição de ser aprovado. Tive baixa do serviço militar em 19 de janeiro seguinte.

BELO HORIZONTE

Em 1959 fomos para Belo Horizonte com vistas a prestar o vestibular na Escola de Medicina da UFMG.

Inicialmente fomos morar no Bairro Pompéia na casa da prima Edina, filha do tio Giacomino Astone, irmão da nossa Avó Luiza Astone, e casada com Osvaldo Martins, enfermeiro no Hospital da Previdência-MG. Nesse ano, no mês de maio falecia o nosso avô Achilles Augusto

Marotta na cidade de Dolores do Turvo. Devido à distância e a dificuldade de transporte, nem mesmo os tios Menote e Domingos puderam ir ao sepultamento do pai.

No segundo semestre fomos morar no Hotel Vitória na rua Curitiba com Guaicurus, ainda hoje existente, que era de propriedade de um casal da cidade de Bambuí-MG, Sr. Geraldo Vieira e D. Geralda. O conterrâneo Ronon Rodrigues também já estava morando conosco. Eu continuava e concluí o terceiro ano do Curso Científico no colégio Anchieta, nesse ano, o qual se localizava na esquina da Rua dos Tamoios com a Avenida Olegário Maciel, local hoje ocupado por um grande estacionamento de veículos. No hotel éramos amigos dos filhos dos proprietários a Nina, o Nonô, o Marley, a Lourdinha e a Lelinha, com quem tive um namorico, e o Paulinho, o mais novo. Nesse hotel fizemos alguns amigos entre os hóspedes mensalistas, como o Pereira, funcionário da prefeitura de BH que gostava muito de ouvir música clássica e tinha amores pela Nina, e outro ocasional, vendedor da Enciclopédia BARSA, o carioca Gumerindo. Outro amigo, principalmente do Aulo foi o Rizzo. Este, além de lutador de "luta livre" no Ginásio do Paissandu, era também Comissário de Menores e, como o Aulo, gostava muito de jogar sinuca. Assim, sempre que saíam juntos para jogar e encontravam todas as mesas ocupadas, o Rizzo olhava o semblante dos jogadores e, aleatoriamente se identificava e pedia para verificar os documentos. Sempre acabava por encontrar algum menor, passava-lhe uma decompostura, mandava-o para casa e ficava com a mesa liberada. Outro com quem tivemos algum contato quando ali se hospedava durante uma temporada de Shows na capital, era o comediante Costinha, amigo do Gumerindo.

Durante o período de mais de um ano o Aulo exerceu a função de Gerente desse hotel em meio expediente, dispondo da folga nos estudos e recebendo salário de CR\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros) mensais, meio salário-mínimo de 1959, o que ajudava muito para engordar a mesada que o nosso pai nos mandava. Mas ainda sobrava muito tempo para frequentar os salões do Bronzwike ou do Bola Sete. Ele era muito bom em todo tipo de jogo em que se metia, tanto na sinuca como no baralho, ao contrário de mim que nunca fui bom em nenhum tipo de jogo.

Sempre que chegava em um desses salões se fazia de "pato" e algum mais exibido lhe propunha um jogo a valer algum dinheiro. Ele recuava e o parceiro, se achando 'o bom' lhe oferecia alguns pontos

de vantagem. Ele topava e, como não tinha problema de tempo, perdia a primeira partida ou até a terceira. Aí se mostrava aborrecido e falava em desistir. O parceiro tentando levar mais alguma vantagem propunha “uma negra”, uma final valendo todo o dinheiro que ele havia perdido. Ou tudo ou nada. Aí ele ganhava e recuperava tudo. O parceiro desolado, propunha nova partida, mas sem pontos de vantagem. Ele tornava a ganhar e o quadro se invertia até que o perdedor “jogava a toalha” e desistia, mesmo com as perdas.

Isso acontecia sempre, mesmo com o jogo de baralho com alguns parceiros constantes. O nosso primo José Marotta, o Cucuia, quase sempre estava presente, tanto num jogo como no outro. E, quando o baralho era na casa do Tio Domingos, pai do Cucuia, o nosso pai também ia e participava.

Bem próximo do hotel, na Rua dos Guaicurus, havia um Dancing o “Montanhês”, onde um Maestro chamado Castilho tinha duas orquestras: uma que tocava músicas nacionais, sambas, baiões e outros ritmos e outra mais dedicada a ritmos argentinos.

O salão ficava no piso superior, depois de subirmos uma longa e íngreme escada de acesso à porta de entrada. Aí, antes de adentrarmos, recebíamos um pequeno cartão, do tamanho da área frontal de um maço de cigarros, todo quadriculado e contendo cem quadrinhos para se anotarem as danças. Convidávamos uma dama da noite para dançar e, ao final de cada música, ela solenemente retirava da gola do vestido um alfinete e furava um burquinho no cartão. Na saída, quando íamos acertar a conta do bar, o garçom contava as alfinetadas do cartão e nos alfinetava o bolso.

Mas, falando das nossas mudanças, por alguma razão, talvez para ajudar o filho já casado, a proprietária do hotel nos convenceu e fomos morar como pensionistas na casa do Nonô na Rua Gama, próximo do Bairro Bonfim. Quando retornávamos à noite tínhamos que passar por uma das laterais do Cemitério do Bonfim, o que nos causava um certo constrangimento devido, principalmente, a uma estória sobre a loira vestida de noiva que, de vez em quando, resolvia deixar o túmulo, circular por fora e tomar um taxi. Mas, tínhamos que fazer esse trajeto com todo o risco de encontrá-la. Porém nunca a vimos. Contudo vale a pena acessar o site a seguir e assistir à reportagem: <https://recordtv.r7.com/balanco-geral/videos/mito-ou-verdade-conheca-a-lenda-da-loira-do-bonfim-21102018> sobre essa “estória” que rola entre os moradores do bairro há cerca de quarenta anos.

Certa noite retornava de alguma festinha com o Ronon. Estava chovendo e eu com guarda-chuva, vestido de terno, colete, gravata borboleta e calçando galocha, arrisquei um salto sobre uma enxurrada de cerca de um metro de largura, tentando não molhar o sapato. Escorreguei, me molhei todo e rachei um osso da perna esquerda. Não partiu o osso. A rachadura foi no sentido longitudinal, como fiquei sabendo uma semana depois. Apenas doía muito quando tinha que assentar e depois ao me levantar. Caminhava jogando a perna para frente e alguém achou até que eu tinha perna mecânica. Fui me consultar com o Dr. José Lincoln, antigo médico de Guidoal, da época do meu pai, agora médico de um posto de saúde na Alameda Álvaro Celso. Examinou-me, mandou fazer uma radiografia, constatou então a rachadura longitudinal e engessou-me do tornozelo até a virilha, me deixando o pé livre. Tive que me acostumar a calçar meias e amarrar o sapato me curvando até o chão com a perna esquerda toda esticada. Nessa situação nos mudamos para a rua dos Guajajaras com Rua São Paulo, bem no início da descida de um morro íngreme que chegaria à rua Curitiba, próximo do Mercado Municipal. Já estávamos em janeiro de 1961.

Com a dificuldade de locomoção permanecia a maior parte do dia estudando na pensão, somente saindo à noite para as aulas do cursinho. Nessa pensão fiquei conhecendo um aluno do quarto ano de Medicina Veterinária que, tendo sido reprovado em uma das matérias, estava se preparando para o exame de segunda época. Conversava muito com ele sobre o curso e a profissão que já havia me encantado em outras conversas. Participei nesse ano dos exames vestibulares de medicina da UFMG e da Católica com a perna esquerda engessada. Não logramos êxito nesse ano. Mesmo nessa situação fui com o Osvaldo, casado com a prima Edina, à cidade de Conselheiro Lafaiete para fechar negócio na compra de um lote no Bairro Pompéia na capital mineira, onde posteriormente o meu pai fez construir uma casa.

Da Pensão da Rua dos Goitacazes, a seguir fomos morar na Rua dos Otoni nº100, numa pensão para estudantes iniciada pelo Marley, já citado acima, um dos filhos do proprietário do Hotel Vitória, próximo à Faculdade de Medicina e do Pronto Socorro antigo na Avenida Bernardo Monteiro. O Marley já estava casado com uma das garçonetes que servia no hotel dos seus pais, a Carlota, e juntos conduziam os trabalhos da pensão.

Nessa época eu continuava com meu irmão e o Ronon a frequentar o Cursinho Pré-vestibular do Professor Mário de Oliveira.

Nesse período, ficamos conhecendo um certo número de 'quase conterrâneos', amigos de cidades vizinhas a Guidoal, como Tocantins, Ubá, Rodeiro, Guiricema e alguma de que não me lembro. Esses criaram um time de futebol que se reunia nos fins de semana para algum jogo com outro time acertado, e, sem qualquer treino prévio, geralmente venciam. Esses jogos eram na maioria das vezes realizados em um campinho de futebol em frente à Escola de Medicina da UFMG e beirando a calçada da Avenida Alfredo Balena, de cuja mureta podíamos assentar para assistir à partida. Os jogos eram acertados previamente por um amigo, cujo nome próprio nunca soube, mas era da cidade de Dores do Turvo, terra da nossa mãe. Na nossa família o chamávamos de Nonô do Caburé, mas entre os amigos jogadores era chamado de o Deputado, devido ao fato de ele estar sempre bem vestido, de terno e gravata, quando às vezes também portava um guarda-chuva, que fora do tempo chuvoso era chamado de guarda-sol. Num desses jogos o time estava perdendo e o juiz era o conterrâneo Ronon Rodrigues. Ao comentar com alguém do time amigo: "se eu não estivesse no apito, vocês estariam perdendo de mais alguns pontos", outro do time adversário ouviu o comentário e o amigo teve de se escafeder... Esse time perdurou por muito tempo, mesmo depois que a maioria dos participantes já estava frequentando a faculdade.

Mas, nós três somente conseguimos aprovação no vestibular no ano de 1962, depois de duas tentativas nos anos anteriores. O Ronon e eu, logo antes do início das provas retiramos nossos documentos já depositados na Faculdade Católica para com eles nos inscrevermos nos exames da Escola de Veterinária, também da UFMG. Iniciadas as provas, estávamos nos saindo bem na veterinária e assim deixamos também o vestibular de medicina da UFMG a partir da terceira prova. Fomos aprovados na Escola de Veterinária, enquanto o Aulo logrou aprovação para Medicina na UFMG.

Aí eu e o Ronon fomos morar na rua Esmeralda no Bairro do Prado, num barracão alugado ao Seu Edmundo Barbosa, que era funcionário da Escola de Veterinária, e o Aulo, depois de certo tempo de curso, foi morar como residente no Hospital das Clínicas da Faculdade.

Nesse período universitário frequentávamos os bailes e outras festividades no DCE – Diretório Central dos Estudantes Universitários,

localizado na Rua Gonçalves Dias, 1581, pouco abaixo da Praça da Liberdade, no mesmo prédio onde hoje existe o Cine Belas Artes. Nessa época o nosso tio Menote era porteiro do DCE nos eventos dos fins de semana. Não me lembro se o Aulo, mas eu participei muito dos movimentos universitários da época, frequentando as assembleias convocadas pela UNE. Me lembro bem da última no final do mês de março de 1964, realizada no Teatro Francisco Nunes completamente lotado. Depois do dia 31 essas assembleias eram proscritas, Diretórios Acadêmicos das Faculdades sob intervenção, com a sua diretoria nomeada de cima para baixo com alunos não ligado às esquerdas, bem como as faculdades sob vigilância constante através de "olheiros". Um período muito triste que vivenciamos até o ano de 1985 quando se realizou uma eleição quase democrática, porque os candidatos tinham a aquiescência dos antigos dominadores.

O Ronon e eu, colamos grau em 18 dezembro de 1965 e o Aulo no dia 8 de dezembro de 1966.

No mês de julho de 1965, enquanto a metade dos meus colegas formandos iam no ônibus da nossa escola a uma excursão a Buenos Aires, eu participava de um estágio profissional numa fazenda em Calciolândia, de propriedade do Dr. Gabriel de Andrade e sob a supervisão do colega que prestava ali a assistência veterinária o Dr. Odilon Xavier Oliveira. Foi nessa oportunidade que conheci o Dr. Antônio Moreira, um dos proprietários da fazenda Monte Alegre de Corinto.

Mesmo antes da colação de grau eu já tinha três propostas de emprego, uma em Calciolândia, na fazenda do Dr. Maurício de Andrade, outra no Banco Real, para trabalhar com Crédito Rural e a que aceitei, foi administrar e prestar assistência veterinária na Fazenda Monte Alegre no município de Corinto, Portal do Sertão de Minas, como se referia o escritor Guimarães Rosa. Assumi ali as funções em 06 de janeiro de 1966. As duas primeiras propostas foram aceitas por dois outros colegas. Para Calciolândia foi o Marco Antônio Veloso Araújo, filho do então proprietário da Drogaria Araújo, o Seu Tó, como o chamávamos. Para a segunda, no Banco Real, foi o colega José Ol Ivar do Sul, cujo pai médico fora colega de turma do nosso pai e formados em 1933, também colegas do famoso oftalmologista Professor Hilton Rocha. A minha passagem nessa fazenda foi uma experiência muito boa e valiosa para a minha vida,

muito embora não a comentarei agora. Apenas que naquela cidade achei a menina dos meus sonhos e me casei com ela.

Depois de formado o Aulo, mesmo tendo sido dispensado do serviço militar em 1959 ao completar os dezoito anos, agora em 1966, tendo em vista a necessidade de profissionais, principalmente na área da saúde junto à Forças Armadas (médicos, veterinários, dentistas e farmacêuticos), ele foi convocado e serviu no Quartel do 12º Regimento de Infantaria em Belo Horizonte como 2º Tenente Médico por cerca de três anos.

Pouco tempo depois de formado e ingressado nas fileiras do exército casou-se com Volúzia do Carmo Baeta de Magalhães Gomes, com quem teve os seus cinco filhos: Marco Antônio, Aulo Marcos Filho, Maria do Carmo, Tereza Cristina e Mario Geraldo Neto.

No período de 1967 a, talvez 1969, não me recordo bem, ele também trabalhou como anestesista na Santa Casa de Misericórdia. Nesse tempo a esposa do nosso Tio Menote, a Dilza, foi internada nessa unidade com vistas a passar por uma operação cesariana. O Aulo me contou que o cirurgião/obstetra de plantão o convidou para fazer a anestesia e ele disse que o faria desde que o cirurgião permitisse que ele também fizesse a tal cirurgia. Assim se fez e, dessa cirurgia em 12 de janeiro de 1967, nasceu o primeiro filho do tio, o Aquiles. Talvez por esse fato o Aulo sempre tenha demonstrado muita simpatia carinhosa para com esse primo que viu a luz pela primeira vez pelas suas mãos.

A caserna foi um período de muito trabalho e também muita apreensão porque o país se encontrava num regime de exceção e as expectativas eram muito sombrias. Ele não comentava, por razões de foro íntimo, mas devia se escandalizar com o que poderia estar acontecendo dentro do quartel sem nada poder fazer para mudar alguma situação. Época de muitos sequestros e tinha medo de que, por alguma razão, sequestrassem algum de seus filhos. Servia em função de uma convocação compulsória, mas com certeza não comungava as ideias e ações correntes. Contudo, no quartel era muito respeitado tanto como médico como cidadão. Contava com a simpatia e atenção do então comandante do Regimento, Coronel Gentil Marcondes Filho, tempos depois o General daquele grave atentado do Rio Centro, que por vezes o visitou em sua casa. Mas o ambiente de caserna devia causar-lhe certa aflição da qual ele não poderia se livrar ainda por algum tempo e o deixava com um

semblante cansado, tristonho e apreensivo, mesmo quando demonstrava alegria. Soube por um seu amigo, a quem confienciara, que em face de certo atendimento a pessoa apreendida na época, e devidamente torturada, que o comandante lhe dissera: "doutor Aulo, o senhor deve apenas ater-se à sua função". E que dever seria!!! É possível que tudo isto tenha gerado uma seqüela psicológica e emocional que o acompanhou pelo resto da sua vida e o levou ao seu enclausuramento e comportamento nos últimos anos da sua vida.

Durante esse mesmo período também atuou como Professor na Escola de Medicina da UFMG como Assistente da então Cátedra de Pneumologia, cujo titular era o Professor José Feldman. No ambiente universitário sempre contou com o respeito e admiração dos seus pares e alunos, tendo em vista a sua capacidade profissional e dedicação ao trabalho que realizava. Foi citado em um livro que contava a história da pneumologia em Minas Gerais, de autoria do seu colega Dr. José Silva. Realmente ele pode ser considerado um dos pioneiros da pneumologia em Minas Gerais. Quando chegamos a Belo Horizonte no ano de 1959 os médicos que tratavam das doenças pulmonares se intitulavam *Tisiologistas*.

Deu baixa no exército depois cumprido o seu tempo por três anos, mas continuou como professor na Escola de medicina e, mais tarde, atuando como pneumologista no Hospital Júlia Kubitschek onde também exerceu o cargo de Diretor Clínico.

Certa vez, ainda morando no Bairro Calafate, teve um problema de saúde. Salvo engano, estava tomando cerveja com seu sogro o Dr. Paulo Baeta de Magalhães Gomes. Sentiu-se mal com uma dor reflexa no peito, o que levou o seu sogro, também médico, a suspeitar de um enfarte do miocárdio e lhe colocar um comprimido de Isordil sob a língua. Providências tomadas, foi levado rapidamente para o Socor, um hospital de pronto atendimento cardíaco, onde ficou internado por cerca de quinze dias para avaliações. Depois de vários eletrocardiogramas não conseguiam comprovar o enfarte. Nosso pai era o único a afirmar que não se tratava disso, desde o início. Mas, era um médico mais velho e considerado pelos mais novos desatualizado. Não confiavam na sua capacidade diagnóstica de um tempo em que não havia muitos recursos laboratoriais e de imagem. Num dado momento chegaram a achar que era um "piti" (um ataque histérico), para somente ao final descobrirem que se tratava de um problema estomacal, uma gastrite forte ou início de alguma úlcera

gástrica. Estava no hospital com a disposição abalada, mas em virtude dos medicamentos tranquilizantes que lhe aplicavam.

Eliminado o enfarte, suspenderam os medicamentos pertinentes passaram-lhe outra medicação, agora a correta e ele foi para casa.

A sua atuação, tanto como professor e como médico pneumologista e cidadão foi sempre exemplar, dedicando-se intensamente na busca dos seus nobres objetivos. Muito correto e sério nos seus compromissos, mas muito rígido no seu comportamento. Herdou isso, provavelmente, do nosso pai.

Do seu trabalho no hospital Júlia Kubitschek sempre se mostrava preocupado e entristecido, e dizia que grande parte dos pacientes que ali chegavam já haviam passado por mais de dois outros hospitais e alguns deles eram considerados terminais, para os quais pouco ou quase nada mais poderia ser feito, salvo atenuar-lhes o sofrimento.

Contou-me que, certa manhã, visitando ao leito um paciente idoso quase terminal, mas ainda lúcido, perguntou-lhe como se sentia e se desejava alguma coisa. O paciente disse-lhe: “ah! Doutor, eu gostaria de uma cachacinha”! Algum tempo depois o Aulo lhe levou um copo com um pouco da bebida. O paciente a sorveu com prazer e estalando a língua. Mais um pouco de tempo e ele fechou os olhos para sempre, tendo satisfeito esse último desejo.

Coisas assim contribuíram para sua aposentadoria precoce. Tanto parentes, colegas e amigos se perguntavam por que ele não se dedicava a uma clínica particular, desperdiçando um cabedal de conhecimentos e sensibilidade para com as pessoas. Mas de nada adiantaram os apelos e, algum tempo depois, passou a viver enclausurado em sua casa desistindo inclusive de participar da vida social junto aos amigos. Viajar, nem pensar. Algumas poucas vezes se dispunha a visitar o tio Menote, a quem sempre demonstrou muito carinho e consideração, e o primo José Marotta, a quem também sempre teve em alta conta. Raras vezes me propunha ir a um restaurante de massas no Bairro de Santa Tereza na capital mineira, o famoso Rochinha ou Bolão, onde somente tomava cerveja, beliscava algum tira-gosto e, ao final, mandava embalar um bife à parmegiana para sua esposa Volúzia.

Depois do seu enclausuramento espontâneo passou a beber e fumar muito, prejudicando demais a sua saúde. Chegou a fazer inúmeras

tentativas para eliminar o vício, mas se dizia impotente. Porém, nunca quis buscar ajuda profissional para esse fim. Também não fazia exames regulares de saúde, afirmando que se procurasse um hospital os seus colegas o internariam e o obrigariam a algum tratamento, o que ele não queria. Tinha pavor da ideia de ficar todo entubado e à mercê dos que estariam a cuidar dele, sem que pudesse decidir algo para si mesmo.

Certa vez me disse estar disposto a procurar uma ajuda espiritual caso minha mulher e eu nos dispuséssemos a acompanhá-lo. Isso seria realizado no Centro Espírita Caritas, na Rua Senhora das Graças, no Bairro Cruzeiro, próximo ao nosso apartamento em Belo Horizonte. Tudo acertado, mas na manhã do dia proposto para o início, ele nos telefonou dizendo que uma força maior o impedia de ir. Mas, se nós quiséssemos, poderíamos fazer o tratamento por ele.

Assim o fizemos. Frequentamos aquela casa por oito semanas consecutivas em busca de um benefício para o meu irmão. Por razões que desconhecemos, o resultado não foi o que realmente esperávamos e ele permaneceu no consumo habitual da bebida, talvez reduzindo um pouco, até o final dos seus dias.

Apesar de não gostar mais de sair de casa, exceto visitando as pessoas já citadas, gostava muito de receber visitas e se mostrava alegre sempre que nós ou outros amigos o visitávamos.

Porém, em 27 ou 28 de junho de 2009, foi constrangido a realizar uma viagem inusitada a Brasília. No dia 26 desse mês eu fui internado no Hospital Santa Lúcia com vistas a um procedimento de angioplastia no dia seguinte. Para isso ele não teve dúvida. Pediu ao seu filho Aulo Marcus que o acompanhasse nessa viagem, talvez pensando que o meu fim poderia ter chegado e ele não perderia a oportunidade de me ver pela última vez. Com certeza essa viagem deve ter-lhe custado algum sacrifício, considerando os seus hábitos, mas também certo prazer em poder me visitar num momento tão importante da minha vida.

Depois disso somente nos comunicávamos com certa frequência por telefone e quando das minhas viagens a Belo Horizonte.

No mês de junho de 2011 minha mulher, a amiga Leda Del Caro e eu fomos à cidade de Ipocema-MG, a fim de participarmos de uma caminhada, subindo a Serra dos Alves até o topo, a quase dois mil metros de altitude. Ao retornar dessa caminhada Leise e eu fomos

visitar os parentes dela em Corinto. Retornamos de lá no dia 15 de junho. No dia 16 fomos visitar o Aulo pela manhã. Conversamos alegremente, tiramos algumas fotos e aceitamos o convite para almoçar. O que muito agradou ao casal.

Nessa visita ele me falou com entusiasmo sobre o novo livro do seu amigo e colega, o médico escritor Sérgio Mudado, a quem muito admirava, "*Os Negócios Extraordinários de Um Certo Juca Peralta*", que ele já havia encomendado para me presentear.

Depois do almoço ao nos despedirmos, o Aulo, a Volúzia e a filha Tereza saíram até a calçada. Ao movimentar meu carro, olhando para o lado esquerdo vi o Aulo acenando com um balanço de mão em que achei algo estranho e inexplicável que me comoveu de certa forma. Comentei com minha mulher que parecia uma longa despedida. Mas, não me toquei além disso e não me preocupei.

No dia seguinte, salvo engano, lá pelas nove horas recebo um telefonema comunicando o seu falecimento.

Não chegou a me entregar o livro prometido o que os familiares, sabendo da promessa, se encarregaram de busca-lo e entregar-me.

Depois de recebe-lo, ao chegar em minha casa coloquei na primeira página em branco uma dedicatória em seu nome, como lembrança do seu entusiasmo ao presentear-me.

Pelo que disseram, ele sentiu-se mal, teria pedido à esposa um comprimido de "Isordil" e em seguida o recusou, dizendo-se melhor. Sua esposa se afastou e retornou logo à sala após ouvir um barulho algo estranho e já o encontrou caído inerte. Não havia mais o que fazer senão chamar um atendimento de urgência para que registrasse tecnicamente o óbito ocorrido. Não havia mais o que fazer..., mas, não teve "aquela" assistência médica de urgência, utilizando-se dos tais recursos heroicos, não ficou hospitalizado e muito menos entubado, tudo realmente como ele queria e esperava.

Imagino que tenha partido feliz por ter conseguido uma morte instantânea em casa, lugar de amor, e não num hospital, uma empresa comercial, a despeito de cuidar da nossa saúde, tentar salvar vidas e retardar a nossa partida. Privilégio de poucos...

Brasília, 20 de março de 2019

Plínio Augusto de Meireles